

EDUCAÇÃO ESCOLAR, FORMAÇÃO CULTURAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Gabriela Natacha Alvares Numazawa (Pibic/CNPq/FA/UEM), Maria Terezinha Bellanda Galuch (Orientadora), José Leon Crochick (Coorientador) e-mail: ganumazawa@gmail.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Educação e tópicos específicos de educação

Palavras-chave: educação escolar, violência social, Teoria Crítica da Sociedade.

Resumo:

Este projeto teve como objetivo compreender se a violência contra a mulher influencia e é influenciada pelas relações interpessoais estabelecidas na instituição escolar. Com fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade, foram analisadas respostas de questionários aplicados a 240 alunos do nono ano do ensino fundamental de escolas estaduais da região metropolitana de Maringá, divididos em dois grupos, um do gênero masculino e o outro do gênero feminino. Os resultados sugerem que a indústria cultural dissemina papéis estereotipados e preconceituosos que repõem subjetividades enfraquecidas e mais fáceis de submeter e que, na escola, são reproduzidos esses papéis.

Introdução

A violência contra a mulher está presente na cultura de dominação patriarcal que perpassa as relações sociais. Apesar das conquistas feministas ao longo dos últimos anos, a relação de dominação entre mulheres e homens ainda permanece, como permanece a sociedade que tem na sua base o poder e a dominação de uns sobre os outros.

Refletir sobre a violência em qualquer âmbito requer que este fenômeno seja pensado no contexto social, já que tanto os sujeitos que a praticam como os que são vítimas, quer seja de violência física, quer seja de violência psíquica, carregam em si um conteúdo social. Isso não significa naturalizar a violência de modo a reduzi-la a um fenômeno social cujo combate não envolve as instituições. Significa dizer que a luta contra qualquer tipo de violência demanda, antes, o entendimento dos aspectos sociais e psíquicos que a envolve.

Apesar da entrada da mulher no mercado de trabalho levá-la a assumir o papel de provedora comumente atribuído ao homem, os trabalhos

domésticos, tradicionalmente atribuídos a ela, não são redistribuídos. Dessa forma, a mulher passa a desenvolver uma dupla jornada: um trabalho remunerado e o trabalho doméstico não remunerado. Wolf (1992) aponta para uma terceira jornada – os rituais e os procedimentos de cuidados da “saúde” da mulher – criada pela indústria cultural. Com o desenvolvimento do conhecimento da ciência médica e da indústria de cosméticos, a beleza feminina, cultuada pelo mercado matrimonial, passa a compor as obrigações que escravizam a mulher. Assim, o mito da beleza e o da feminilidade se juntam a outros já difundidos pela indústria cultural, como o da maternidade e o do sexo frágil, para a manutenção da dominação da mulher.

A indústria cultural dissemina a ideia de que a organização social é algo dado e natural, como se fosse impossível escapar ao status quo, levando à adaptação automática e acrítica dos sujeitos aos preceitos da sociedade administrada. Nesse sentido, supervaloriza-se a realidade, em detrimento do fortalecimento da individualidade (ADORNO, 1995). Essa reflexão leva à compreensão da dialética entre o momento de adaptação à sociedade e às suas normas e o fortalecimento da individualidade pela cultura.

Nesses termos, recorreremos à Teoria Crítica da Sociedade e à Psicanálise na busca de elementos para compreendermos a violência na sua relação com a sociedade, bem como algumas das formas como se apresenta na escola e, especificamente, o modo como a violência contra a mulher se manifesta no ambiente escolar.

Materiais e métodos

O estudo quali-quantitativo acerca da violência contra a mulher no contexto escolar partiu de dados levantados no decorrer de 2018 pelo Projeto de Pesquisa “Violência Escolar: discriminação, bullying e responsabilidade” (Processo 1998/2018). Em 2018, foram aplicados questionários a 240 alunos do nono ano do ensino fundamental de oito escolas estaduais da região metropolitana de Maringá. Foram utilizados os seguintes instrumentos: uma adaptação da Escala F (ADORNO et al., 1950); a Escala de Autonomia frente à Autoridade Escolar (Escala A), de tipo Likert, com 10 itens e com seis opções de resposta; a Escala de Autoindicação da Violência Escolar; a Escala de Manifestações de Preconceitos; questões para a identificação das hierarquias escolares (CROCHICK; DIAS, 2020). Para este trabalho, limitamo-nos a analisar as questões referentes à Escala F, à Escala de Autoindicação da Violência Escolar e ao questionário de identificação das hierarquias escolares. Os participantes foram divididos em dois grupos: um do sexo feminino, composto por 132; outro composto por 108 do sexo masculino. Para a análise dos dados, foram utilizados a Correlação de Pearson e o cálculo de qui-quadrado.

Resultados e Discussão

Dentre os cálculos realizados, três foram selecionados em razão da significância estatística dos seus resultados, os quais estão sistematizados nas tabelas 1, 2 e 3.

Tabela 1 - Frequência e porcentagem da caracterização do aluno gordo por sexo dos alunos

	Masculino	Feminino	Total
Agressor e vítima	44 (55%)	19 (19,79%)	63 (35,8%)
Vítima	27 (33,75%)	62 (64,58%)	89 (50,6%)
Agressor	9 (11,25%)	15 (15,62%)	24 (13,6%)
Total	80	96	176

Variáveis dependentes ($p < 0,05$; $\chi^2_{\text{cor}} = 22,083$; 2 g. lib.)

Tabela 2 - Frequência e porcentagem da caracterização do aluno impopular por sexo dos alunos

	Masculino	Feminino	Total
Vítima	50 (67,57%)	83 (88,3%)	133 (79,2%)
Agressor e vítima	14 (18,92%)	8 (8,51%)	22 (13,1%)
Agressor	10 (13,51%)	3 (3,19%)	13 (7,7%)
Total	74	94	168

Variáveis dependentes ($p < 0,05$; $\chi^2_{\text{cor}} = 9,114$; 2 g. lib.)

As tabelas 1 e 2, respectivamente, apontam uma tendência de que as alunas do sexo feminino entendam a pessoa gorda e a pessoa impopular como vítimas de violência no contexto escolar, dando indícios da influência da indústria cultural na diferença de exigência sobre os corpos femininos. Para ser aceita socialmente, exige-se que a mulher siga um padrão de beleza que inclui um corpo magro. Além da aparência, para ser apreciada socialmente, observa-se que a mulher necessita da aprovação dos demais, ou seja, está sempre sob o julgo alheio.

Tabela 3 - Correlações de Pearson entre o escore de melhores da sala e a escala F para alunas e alunos

	Alunas	Alunos
Amostra	132	108
Coeficiente	-0,21	-0,02
Resultado	Significante	Insignificante

$p < 0,05$

A tabela 3 indica correlação inversamente proporcional entre ser indicado melhor nas disciplinas de sala de aula e o escore na Escala F, ou seja, quanto mais as alunas foram indicadas como melhores nessas disciplinas, menos autoritárias se apresentam; não houve correlação significativa entre os alunos, em relação a essas variáveis. Assim, apesar de esse dado poder significar que a educação atua no combate ao fascismo nas alunas, os dados das tabelas 1 e 2 apontam que elas ainda estão submetidas às exigências da cultura que se transformou em mera mercadoria, à cultura em

si, assim, a formação não promove o fortalecimento do indivíduo, não desenvolve a autorreflexão crítica.

Não podemos associar o bom desempenho escolar no contexto atual da educação com o desenvolvimento crítico que se põe contrariamente ao fascismo individual. Não raro, a escola se organiza, visando à promoção da obediência e da passividade, repondo a necessidade da autoridade externa. A educação para a adaptação visa à introjeção acrítica de conteúdos, limitando o desenvolvimento do pensamento, da autorreflexão e da autonomia. Ao se submeter e ao reproduzir os mecanismos da indústria cultural, a escola, intensifica as relações calcadas no medo, na dominação, na violência; reforça a pseudoformação (ADORNO, 1996), a formação para a adaptação à sociedade, cuja preservação significa a negação do próprio indivíduo.

Conclusões

Adorno defende a formação do pensamento crítico, de vínculos coletivos e da compreensão dos limites que a sociedade capitalista impõe à emancipação. No entanto, a escola, em nossa sociedade, acaba trabalhando no sentido de preparar os sujeitos para encarar a competitividade que não se encerra no momento da aprovação no vestibular. Além disso, a escola repõe discursos meritocráticos, que culpabilizam os alunos por suas supostas falhas sem sopesar os aspectos sociais que perpassam as vidas desses alunos.

Ao não se distanciar o suficiente da sociedade para poder criticá-la, a escola acaba reproduzindo estereótipos preconceituosos como, por exemplo, em relação a padrões de beleza e de comportamentos femininos.

Agradecimentos

Ao CNPq, pelo financiamento desta pesquisa.

Ao professor José Leon Crochick, por coorientar esta pesquisa.

Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

ADORNO, T. W. **Teoria da semicultura**. Educação e sociedade, v. 56, n. 10, p. 388-411, 1996.

ADORNO, T. W. et al. **The authoritarian personality** (Studies in prejudice, Vol. 1). Nova Iorque: Harper & Brothers, 1950.

CROCHICK, J. L.; DIAS, M. Á. de L. (org.). **Estudos sobre violência entre estudantes**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2020.

30º Encontro Anual de Iniciação Científica
10º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



11 e 12 de novembro de
2021

WOLF, N. **O mito da beleza**. Editora Rocco, 1992.